

QUEBRANDO MODELOS: AS LÍNGUAS DE SINAIS E A NATUREZA DA LINGUAGEM HUMANA*

Dan Isaac Slobin*

University of California, Berkeley

Traduzido por Pedro Perini-Santos e Luciana Beatriz Ávila**

1 INTRODUÇÃO

Quando fui convidado pelo comitê organizador de uma conferência¹, me pediram para que falasse sobre “minhas observações sobre a importância das línguas de sinais junto às pesquisas em linguística – sobre como algumas definições centrais sobre linguagem mudaram a partir dos estudos das línguas de sinais e também sobre como esses estudos nos permitem compreender a linguagem seguindo caminhos novos e diferentes”. Sou um psicolinguista que estuda translinguisticamente o desenvolvimento da linguagem de crianças. Desde meus primeiros dias na Universidade de Berkeley – quando a Escola para Surdos da Califórnia ainda era vizinha ao nosso departamento – já era claro para mim que, para se ter uma compreensão plena sobre a capacidade linguística, é preciso levar em conta as línguas orais e as línguas sinalizadas. Mais do que isso, para mim também já era bastante claro que não é possível

* **Tradução do artigo** *Breaking the molds: signed languages and the nature of human language*, de Dan Isaac Slobin, publicado em *Sign Language Studies*, v. 8, n. 2, p. 114-132, 2008. **Agradecemos ao professor Dan Isaac Slobin e à Gallaudet University Press**, que edita a Revista *Sign Language Studies*, por terem gentilmente cedido os direitos de tradução e de publicação do artigo. O texto original pode ser acessado em: <http://muse.jhu.edu/journals/sign_language_studies/toc/sls8.2.html>.

** Professor Emérito em Linguística e Psicologia na University of California, Berkeley. E-mail: slobin@berkeley.edu

*** Sobre os tradutores: Pedro Perini-Santos é Doutor em Linguística pela UFMG, com estágio doutoral na University of California, at Davis; é professor adjunto da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades da UFVJM. E-mail: pedro.perini.santos@gmail.com. Luciana Beatriz Ávila é Doutora em Linguística pela UFMG, com estágio doutoral na Universidade de Lisboa; é professora adjunta do Departamento de Letras da UFV. E-mail: lucianabeatrizavila@gmail.com

¹ A conferência foi proferida em março de 2006 na Gallaudet University em março de 2006 durante o Encontro “Revolutions in Sign Language Studies”.

entender as estruturas e as funções da linguagem humana sem se fazer um exame cuidadoso sobre os vários tipos de línguas que ainda estão em uso em nosso planeta.

As pesquisas sobre a linguagem das crianças feitas em vários países – assim como pesquisas realizadas em colaboração entre linguistas e antropólogos que estudam línguas ágrafas – me mostraram que a linguagem está incorporada no uso em contextos de comunicação, de planejamento, de pensamento e de registro. Nossa tradição linguística padrão se desenvolveu a partir da análise de textos escritos e de frases isoladas. Em função disso, as teorias se limitaram a uma restrita gama de usos linguísticos, deixando de fora de seu escopo de pesquisa as formas de interação face-a-face centrais aos estudos das línguas sinalizadas: o contato entre olhares, a expressão facial, a postura, o movimento corporal e os gestos. Acrescenta-se a todos esses fenômenos *gradientes* à disposição daqueles que sinalizam – ritmo e intensidade e expansividade dos movimentos. Tais dimensões também estão disponíveis para os usuários de línguas orais na forma de padrões entoacionais e ritmo e intensidade da produção vocálica. Dado que a maioria das pistas prosódicas está quase sempre ausente dos sistemas escritos, elas foram excluídas da maioria das descrições linguísticas. Quando muito, são locadas como categorias secundárias etiquetadas como “extralinguísticas”, “paralinguísticas” ou “não-linguísticas”.

Além desses fatores, é evidente que para estudos sérios sobre o discurso em línguas sinalizadas há uma série de fatores pragmáticos que deve ser considerada, como: olhar, expressão facial e a mudança de papel, entre outros. Quando uma língua oral utiliza uma determinada produção fonológica vocal, como uma sílaba para expressar uma dessas funções pragmáticas, isto está incluído na chamada linguística descritiva. Por exemplo, o Japonês e o Coreano possuem partículas de final de frase que comunicam coisas como “isso vai te surpreender” ou “isso é uma coisa que você e eu podemos considerar”. Essas marcações mórficas finais fazem parte da descrição dessas línguas. No entanto, quando esse mesmo tipo de padrão entoacional acontece no Inglês, é classificado como extralinguístico ou paralinguístico e não faz parte de sua gramática. E mais, as expressões faciais que comunicam este tipo de informação sequer entram no rol dos fenômenos paralinguísticos. Em abordagens psicolinguísticas de línguas orais, gestos simultâneos com a fala têm recebido mais atenção e seu papel na produção da fala tem sido discutido na psicolinguística. Lentamente, os pesquisadores da linguagem se livram dos antigos preconceitos da gramática da língua escrita.

As línguas de sinais são obviamente relevantes para todas estas questões. Em vários países, a pesquisa sobre línguas de sinais tem tentado traçar uma linha que separa o que é “realmente linguístico” e o que são outras marcas expressivas disponíveis aos usuários de uma linguagem visual/manual. Muitos desses recursos são chamados de “não-manuais”; este termo sugere uma pressuposição infundada de que o componente manual é o lugar em que os fenômenos “linguísticos” estão situados. Sugiro que não precisamos nos preocupar em categorizar o que é “linguístico” até termos uma melhor compreensão sobre a *escala gradiente* dos componentes faciais e corporais tanto nas línguas sinalizadas quanto nas orais.

Não sou usuário de língua de sinais, apesar de falar várias línguas orais. Comecei a estudar as línguas de sinais relativamente tarde. No decorrer dos estudos translinguísticos – mesmo das línguas que não falo –, fiquei fascinado com as formas sistemáticas pelas quais as línguas se diferem entre si. Isto é, meu foco é em *tipologia*. As línguas não diferem umas das outras em todos os aspectos. Ao contrário, há restrições interativas entre as línguas que as modelam. Quando conhecermos o suficiente sobre esses mecanismos, seremos capazes de falar sobre a gama de línguas humanas possíveis. Na última década tenho assistido a muitos vídeos de línguas de sinais e tenho lido muitas análises linguísticas de um monte de línguas de sinais. Isso surgiu a partir da minha colaboração na pesquisa, na Holanda, com Nini Hoiting, que estuda a aquisição da Língua de Sinais da Holanda (SLN, *Sign Language of Netherlands*), e a partir da colaboração, na Califórnia, com Marlon Kuntze e um grupo de estudantes de pós-graduação em Berkeley, usuários da Língua Americana de Sinais (ASL, *American Sign Language*), que se dedicam ao estudo da aquisição e uso da ASL. Depois de ter assistido a vários vídeos em que aparecem aprendizes de ASL e SLN com 2 ou 3 anos de idade, percebi o quanto falta de informação em transcrições de fala que tenho estudado – transcrições de crianças aprendizes de línguas como Inglês, Espanhol, Alemão, Russo, Turco ou Hebraico. Essas transcrições hoje me parecem insuficientes. Para onde as crianças estão olhando? Qual padrão de entoação está sendo usado? Quais são os gestos que ocorrem concomitantemente à fala?

2 O RISCO DE TOMAR TEORIAS EMPRESTADAS

O estudo sobre as línguas de sinais foca questões que não têm estado no centro das atenções da maior parte das pesquisas sobre línguas orais. É apenas olhando para essas questões em ambas as modalidades, oral e sinalizada, que se pode compreender a natureza da linguagem humana. Ao mesmo tempo, não se pode, de forma alguma, esperar que uma teoria linguística seja aplicada da mesma forma para os dois tipos de linguagem. Até poucos anos, os linguistas dedicados ao estudo das línguas sinalizadas tentaram fazer isso, forçando a barra para tomar a análise da ASL e de outras línguas sinalizadas nos mesmos modelos descritivos usados para as línguas orais – geralmente o Inglês. Entretanto, já há linguistas especialistas em línguas de sinais talentosos que estão criando novas formas de observar a ASL e outras poucas línguas de sinais.

Desde os antigos gregos, herdamos a preconcepção – baseada na análise aristotélica da língua grega – de que a linguagem é constituída por elementos discretos que pertencem a categorias como “nome” e “verbo” que são combinadas em “sentenças” que expressam “predicados”. Essa preconcepção continua vigente entre nós no decorrer do século XX, de Saussure a Chomsky, e entre mais outros vários emergentes da linguística estruturalista e gerativista. Durante quase todo o século XX, os linguistas se ocuparam com a construção de modelos nos quais elementos discretos pertencentes a categorias discretas se articulam através de regras para formar palavras, sintagmas, orações e sentenças, inclusive estruturas abstratas “invisíveis” de vários tipos que são necessárias para sistemas de notação e análise formais. Mas essa herança, rígida e antiga, está sendo revista por seguidores de diferentes persuasões. Temos gramáticas cognitivas, gramáticas da construção, modelos baseados no uso, gramáticas de espaços mentais e outras. Além disso, temos investigações sérias sobre os gestos usados durante a fala, sobre a dêixis e sobre a entonação. Na interface entre linguística, filosofia e antropologia, temos modelos pragmáticos sobre significados estimados e conhecimento compartilhado e estrutura discursiva. Na ciência cognitiva, temos as teorias de protótipos e os modelos conexionistas computacionais de distribuição de informações sem categorias discretas. As revoluções na linguística da língua de sinais fazem parte desse movimento contemporâneo de expansão e de enriquecimento do campo de pesquisa sobre as línguas orais e sinalizadas.

Como pesquisadores em ciências da linguagem, temos a chance de escolher se optamos por uma das duas estratégias básicas, às quais me refiro como “teorias em busca de dados” ou “dados em busca de teorias”. Sustento que a primeira abordagem, que parte de uma teoria estabelecida com base nas línguas orais, nos impede de ir a fundo à natureza das línguas sinalizadas e, ao fim e ao cabo, de ir a fundo à natureza da linguagem humana em geral. A segunda abordagem – *dados em busca de teorias* – é uma opção que nos leva a novos *insights*. É uma abordagem que pode ter mais impacto na linguística, agora que já superamos a etapa de ter que demonstrar que línguas sinalizadas são “línguas reais”. Neste estágio da história, não temos um modelo completo ou adequado para a linguagem humana em geral ou para qualquer língua específica. Os modelos do passado são baseados em grande medida, como já disse, em textos escritos – ou pelo menos nas línguas das sociedades letradas. Além disso, muitos desses modelos são feitos a partir de uma gama restrita de tipos de tais línguas. Quando os linguistas se dedicaram a estudar tipologicamente diversos tipos de línguas, geralmente tentaram encaixar várias línguas dentro de modelos inapropriados. O que precisamos agora é de muitas descrições detalhadas de fenômenos da estrutura e uso linguísticos que ultrapassem os modelos que herdamos dos linguistas americanos e europeus.

3 A QUESTÃO DA MODALIDADE

Para além dessas dinâmicas mais gerais, que estão mudando e enriquecendo a ciência da linguagem, a questão da *modalidade* – auditória/articulatória e visual/corporal – estabelece outro nível de generalização. É bastante significativo que esta questão tenha sido tópico de conferências e livros nos últimos anos. Um marco é a publicação, em 2002, da coleção *Modality and Structure in Signed and Spoken Language*, pela Cambridge University Press, editado por Richard Meier, Kearsy Cormier e David Quinto-Pozos. O livro confronta a pressuposição de que não há diferenças estruturais essenciais entre as línguas orais e as línguas sinalizadas. Isto, em minha opinião, é uma questão aberta agora.

A pesquisa linguística em Gallaudet – desenvolvida por Scott Liddell, Sarah Taub, Paul Dudis e colaboradores – estuda as línguas de sinais em seu espaço próprio e não a partir de reflexões apriorísticas dedicadas às línguas orais. Liddell (2003, p. 70) desafia o dito

“[...] para se demonstrar que algo é linguístico, deve-se mostrar sua natureza categorial”. Qualquer pessoa que seja familiar com a linguagem de sinais está ciente das modulações facial, postural e da variação de intensidade do movimento. Essas modulações são expressas em contínuos que não podem ser compartimentados em categorias discretas.

No que diz respeito à opção *dados em busca de teorias*, não é nossa função decidir o que é “linguístico” ou não. Essa é uma questão sociológica ou institucional ou acadêmica, mas não é uma questão intelectual. O que temos que fazer é propor uma boa descrição de atos de comunicação e de compreensão.

Quais são os problemas de se assumir a ideia oposta: *teorias em busca de dados*? Vou começar com um exemplo básico da história da linguística. Quando os exploradores europeus encontravam línguas estranhas durante o estabelecimento de seus impérios coloniais, o instrumental linguístico do qual dispunham era baseado no modelo das gramáticas clássicas do Grego e do Latim, e eles tentavam descrever línguas como o Maya e o Malay, usando as categorias com as quais tinham familiaridade. Por exemplo, a Tabela 1 mostra parte do paradigma de declinação nominal do Latim:

caso	singular	plural
Nominativo	<i>amicus</i>	<i>amici</i>
Genitivo	<i>amici</i>	<i>amicorum</i>
Dativo	<i>amico</i>	<i>amicis</i>
Acusativo	<i>amicum</i>	<i>amicos</i>
Vocativo	<i>amice</i>	<i>amici</i>
Ablativo	<i>amico</i>	<i>amicis</i>

Tabela 1: Exemplos das declinações nominais do Latim

Os linguistas coloniais distribuiriam os morfemas das ditas línguas exóticas em categorias como essas; e o método não era apenas uma aplicação às línguas exóticas. Para se ter uma ideia de como isso funcionava, a Tabela 2 mostra como a língua inglesa (que não era uma língua exótica colonial!) foi apresentada em 1809 por uma gramática portuguesa.

caso	singular	plural
Nominativo	<i>a king</i>	<i>kings</i>
Genitivo	<i>king's, of a king</i>	<i>of kings</i>
Dativo	<i>to a king</i>	<i>to kings</i>
Acusativo	<i>a king</i>	<i>kings</i>
Vocativo	<i>O, King!</i>	<i>O, Kings!</i>
Ablativo	<i>with, from or by a king</i>	<i>by kings</i>

Tabela 2: Exemplo de uma gramática portuguesa de 1809

Hoje achamos graça desses arranjos, mas será que não estamos fazendo a mesma coisa com as línguas de sinais? Lemos as descrições de ASL, por exemplo, com termos linguísticos como “sujeito” e “objeto”, e não ficamos surpresos. Os linguistas ainda discordam sobre se línguas faladas como o Chinês e o Tagalog possuem mesmo sujeitos e objetos.

Corremos sérios riscos quando partimos de uma teoria que vem de outra língua ou quando consideramos o conjunto de categorias que são bem justificadas para a descrição sistemática desta língua. As categorias devem ser justificadas levando em conta a língua que está sendo estudada. Por exemplo: não se justifica falar que as expressões “with a king” [com um rei] ou “by a king” [por um rei] são ocorrências do caso ablativo singular no Inglês. O risco de se partir de teorias aplicadas a outra língua ou a outro tipo de língua é o de encontrar na língua estudada aquilo que se está procurando – ou de se convencer a si próprio – de que encontrou o que procurava.

Vamos considerar um exemplo bastante simples: o enunciado da ASL $she_{she}LOOK-AT_{me} [ela_{OLHA-PARA_{mim}}$. O verbo se movimenta da locação espacial do observador em direção à locação espacial do observado. Se a gramática da ASL fosse similar à gramática de línguas orais como o Inglês, seria possível argumentar que as locações espaciais de quem olha e de quem é olhado sejam pronomes, sendo que os pontos de partida e de chegada do verbo são flexões de concordância no verbo. Além disso, alguns linguistas descreveriam esta sentença com um *sujeito*, she [“ela”], com um *verbo*, look-at [“olha-para”], e com um *objeto*, me [“mim”]. Uma vez que o movimento do verbo parte do sujeito em direção ao objeto, trata-se de uma sentença com a ordem *sujeito-verbo-objeto*. Podemos dizer, portanto, que o verbo *concorda* com o sujeito e com o objeto. E, assim, concluímos que a ASL tem a mesma organização e os mesmos elementos gramaticais básicos do Inglês: sujeitos, objetos e verbos que flexionam em concordância, e uma ordem básica de palavras. Mas onde estão todos esses elementos no sinal? Tudo o que realmente temos é uma forma manual que se refere a olhar ou ver (um sinal horizontal em V) e um movimento da fonte para o alvo daquela atividade. Note também que este enunciado não funcionará a não ser que o sinalizador esteja também olhando na direção correta, mas como as descrições linguísticas padrão não possuem o equivalente à direção do olhar, o olhar não figura na descrição sintática. Mais adiante, farei a proposta de uma descrição linguística alternativa – uma que coloque a ASL em uma categoria tipológica diferente da do Inglês.

Certamente as ideias podem ser convertidas em linguagem visual com usos de locação e de movimento que simplesmente não estão disponíveis para uma língua auditória. Não temos uma “revolução na linguística das línguas de sinais” se começamos sabendo o que estamos procurando – e, depois, o encontramos.

Meu caminho predileto para pensar sobre o risco de encontrar aquilo que estamos procurando vem do meu amigo Wolfgang Klein, um linguista alemão que trabalhou com a língua chinesa. Ele aponta que a linguística deve tomar cuidado com a expectativa de encontrar categorias gramaticais familiares em línguas não familiares. Ele discorda da crença geral da linguística ocidental de que o Chinês tem que ter verbos, porque estamos acostumados com línguas que têm verbos. Ele sugere que o Chinês não faz uma distinção clara para nomes e verbos (baseado em argumentos linguísticos que estão fora do escopo deste artigo). Em uma analogia inusitada, Klein sugere que os alemães pensam que todas as culinárias do mundo usam batatas, logo, não será surpresa também encontrar batatas na culinária chinesa. A única diferença é que as batatas deles vêm em pequenos grãos e brotam de uma forma diferente! O arroz pode ser acomodado na categoria das batatas – mas apenas se se ignorar tudo o que se sabe sobre arroz.

Em outras palavras, não podemos assumir que as línguas de sinais terão todas as categorias e todos os processos das línguas faladas, ou, no mínimo, temos que encontrar um nível correto de comparação. Certamente, as culinárias chinesa e alemã têm algum tipo básico de carboidrato, mas arroz não é um tipo de batata – i.e., as duas culinárias devem ser comparadas em termos de uma categoria menos específica do que “batata”. Parte da nossa revolução deve ser direcionada na busca de um nível de comparação que leve a uma compreensão geral da linguagem humana, assim como das *características especiais* das línguas sinalizadas e das línguas orais.

4 A TIRANIA DAS GLOSAS

Um dos maiores desafios é nos livrarmos do que chamo a “tirania da glosa”. Como a ASL é usada em um país de língua inglesa, usamos nossas descrições da ASL em Inglês. Nos acostumamos a usar o método *shorthand* de escrever palavras inglesas em letras

maiúsculas para indicar os sinais da ASL. Da mesma forma, os alemães, quando escrevem sobre a Língua Alemã de Sinais (DGS), usam palavras alemãs em letras maiúsculas como glosas, e por aí vai. Em parte isso se deve ao fato de não haver ainda um padrão aceito – como o Alfabeto Fonético Internacional (IPA, *International Phonetic Alphabet*) – para a transcrição de línguas sinalizadas. Além disso, mesmo se os exemplos são apresentados usando notações em um sistema como o *HamNoSys* (DGS-Korpus, 2015) ou mesmo se fotografias ou vídeos estão incluídos, as análises lançam mão das maiúsculas em *shorthand*, com várias adições para indicar coisas como o olhar, o escopo de traços não-manuais, direcionalidade, e assim por diante. Esta prática dificulta a comparação entre línguas sinalizadas e, mais ainda, a comparação entre línguas sinalizadas e orais.

Considere vários exemplos dos perigos de se analisar implicitamente as glosas em lugar dos sinais que cremos que representem. Tome uma coisa bastante simples: um verbo em ASL que pode ser glosado WALK_{forward} (sinal V invertido, dedos balançando, movimento para frente). A glosa dá a impressão de que há um verbo de modo de movimento que corresponde ao verbo “walk” [“andar”]. Entretanto, se um linguista hispanofalante estiver escrevendo um artigo em Espanhol sobre o mesmo verbo em ASL, um tipo diferente de glosa seria usado. Em Espanhol, o verbo principal indica trajetória: *avanzar* (“move forward” [“avançar”]), e o modo de movimento deve ser um verbo subordinado: *avanzar caminando* (“advance walking” [“avançar andando”]). Assim, uma glosa em letras maiúsculas do verbo da ASL em uma publicação em Espanhol seria AVANZAR_{caminando}, isto é, MOVE.FORWARD_{walking}. Mas o verbo em ASL não significa nem “andar” nem “avançar andando”. É uma combinação simultânea de trajetória (forward, [para frente]) e modo (walk, [andar]); também o componente ele-mesmo não é um item linguístico (dedos sustentados em movimento, posição de V invertido rigidamente andando para frente). Observando as glosas em maiúsculas, um linguista americano poderia decidir que a ASL tem construções de trajetória-modo semelhantes ao Inglês, e um linguista mexicano poderia decidir que a ASL tem construções de trajetória-modo semelhantes ao Espanhol.

Voltando à prática da glosa em letras maiúsculas, este método de representar as línguas sinalizadas – mesmo com a adição de várias marcas diacríticas e comentários em uma língua escrita – me parece ser uma aceitação estranha, quase neocolonialista, de que a língua *oral* da comunidade circundante é de alguma maneira relevante para a análise linguística da língua *sinalizada* local. Nenhum linguista ousaria usar palavras inglesas em maiúsculas para descrever o Navajo, por exemplo, simplesmente porque a língua dominante circundante é o Inglês. É ainda mais equivocado ler um artigo em Inglês sobre uma língua de sinais de outro país – digamos, a Alemanha – e encontrar glosas maiúsculas em Alemão, como se a DGS fosse uma forma de Alemão. Para confundir ainda mais as coisas, tais palavras alemãs são frequentemente seguidas de glosas maiúsculas em Inglês, o que poderia apresentar uma interpretação bem diferente de um exemplo sinalizado em DGS. Por exemplo, e se um linguista mexicano tivesse escrito um artigo sobre a ASL no qual o significado do verbo “andar para frente” tivesse sido glosado em Inglês WALK_{forward} e, então, glosado em Espanhol como AVANZAR_{caminando}? O que este linguista poderia razoavelmente concluir sobre a natureza dos verbos de movimento da ASL? A única abordagem seria ignorar as glosas e encontrar outros meios de transcrição.

Quando linguistas que estudam uma língua oral escrevem sobre esta língua, eles têm uma série de vantagens: podem usar uma notação padrão no nível fonológico (o IPA), e também podem lançar mão de formas ortográficas padrão para representar morfemas e palavras. O que é mais importante para a análise linguística, há um sistema compartilhado de indicar morfemas gramaticais que pode ser usado em diversas línguas. Um linguista alemão e um linguista americano escrevendo sobre Navajo podem descrever seus dados de maneiras independentes das que usam para escreverem em Alemão ou Inglês. Precisamos trabalhar em prol de um nível similar de transparência e comparabilidade translinguística para o estudo das línguas sinalizadas.

Uma possibilidade seria um sistema de transcrição no nível dos componentes de significado, tal como o sistema que temos desenvolvido em Berkeley. Este sistema – ao qual chamamos Sistema de Transcrição de Berkeley (BTS, *Berkeley Transcription System*) – tem uma notação padrão para representar componentes de significado, aplicáveis para as línguas sinalizadas (HOITING; SLOBIN, 2002; SLOBIN et al., 2001). Muito resumidamente, o verbo que significa qualquer coisa como “andar para frente” seria parecido com isto no nível da transcrição morfológica: pm^hTL-pst^hERC-pth^hF-mvt^hWIG. Este verbo tem quatro partes em uma notação padrão e é independente tanto da ASL quanto do Inglês.

Este sistema utiliza o que chamamos *marcador de propriedade* (o que tem sido equivocadamente chamado de um “classificador” na linguística da Língua de Sinais), abreviado TL para “two legs” [“duas pernas”]. Este marcador de propriedade está em uma *postura*

particular, abreviado ERC para “erect” [“ereto”]. Há uma *trajetória*, indicada por F para “forward” [“para frente”]. Há também um *movimento* interno indicado por WIG para “wiggling” [“balançando, em movimento”]. Apesar de o BTS não ser a solução definitiva, acredito que precisamos de alguma coisa como ele, se vamos continuar a comparar sistematicamente as estruturas morfológicas das línguas sinalizadas e línguas orais.

Até agora pode parecer que o risco de glosar é só uma questão de se estar ciente de que as palavras inglesas não são exatamente as mesmas que os sinais da ASL ou que as palavras alemãs não são exatamente as mesmas dos sinais da DSG. Entretanto, o problema é mais profundo porque as palavras carregam com elas não só o seu significado, mas também, frequentemente, as construções gramaticais nas quais seus significados são expressos. Considere o já muito discutido verbo da ASL INVITE [“CONVIDAR”] (palma aberta movimentando do recipiente para o sinalizador). Este tem sido descrito como um verbo “invertido” (MEIR, 1988; PADDEN, 1988), mas o que tem nele de “invertido”? O verbo Inglês “invite” [“convidar”] tem um sujeito (quem convida) e um objeto (quem é convidado): “I invite you” [“eu te convido”], por exemplo. Mas é isso que o ${}_{1.SG}INVITE_{2.SG}$ da ASL significa? Se é, realmente parece ser invertido, já que I [“Eu”] sou o ator (ou sujeito – note a confusão entre o papel semântico de ator e o papel sintático de sujeito) e you [“você”] é a pessoa afetada (ou objeto). Portanto, está invertido para a minha mão mover de você para mim, porque minha ação deveria ir de mim para você. O problema é que não há justificativa para se glosar este verbo como INVITE [“CONVIDAR”]. Se, em vez disso, por exemplo, tratamos o verbo como significando qualquer coisa como “Ofereço que você venha até mim”, então a trajetória da mão está apropriada. Note, também, que a palma aberta é um tipo de mão de oferta ou acolhida e que o mesmo verbo poderia significar WELCOME [“ACOLHER”] ou até mesmo HIRE [“CONTRATAR”]. Minha expressão facial, postura, direção do olhar também são relevantes. Na verdade, este é provavelmente o verbo que indica que o ator está propondo que o endereçado se movimente em direção ao ator e que o endereçado é encorajado a fazê-lo. Não temos uma glosa em Inglês para este conceito, assim estamos enganados por qualquer que seja o verbo que escolhemos em Inglês.

Há um longo argumento que sustenta estas posições, mas esperaria que – ao fim do dia – estará claro que a ASL não tem concordância, não possui sujeitos e objetos, e não tem verbos invertidos. A contribuição da linguística em geral, é claro, seria de que as categorias deste tipo de teoria não são aparentemente universais linguísticos. (Para uma argumentação detalhada para esta posição ver, por exemplo, LIDDELL, 2003; TAUB, 2001).

5 O PROBLEMA DA TIPOLOGIA

Uma das razões que leva muitos linguistas de línguas de sinais a esperar encontrar categorias similares ao Inglês na ASL é que eles assumem que – em algum nível profundo – a ASL é do mesmo *tipo* de língua que o Inglês. O crescente campo da tipologia linguística, entretanto, sugere que as línguas sinalizadas podem pertencer a um tipo de linguagem bem diferente (SLOBIN, 2005). A distinção tipológica que tenho em mente *não* é determinada pela modalidade, mas por uma divisão bem básica de línguas nos termos de expressão linguística de verbos e seus argumentos.

O Inglês é uma língua “marcada-pelo-dependente” e a ASL é “marcada-pelo-núcleo”. Esta dimensão tipológica foi introduzida por Johanna Nichols (1986, 1992), uma linguista em Berkeley. Isso desempenha um importante papel nas suas explorações históricas e tipológicas de línguas orais. Para simplificar a questão, pense em um verbo em um enunciado como o *núcleo* e os argumentos associados nome ou pronome como *dependentes*. Na sentença “ele me vê”, então, o núcleo é “ver” e os dependentes são “ele” e “me”.

Através das línguas, as relações sintáticas tais como sujeito e objeto podem ser morfológicamente marcadas tanto nos *dependentes* (isto é, os nomes e pronomes), quanto no *núcleo* (isto é, o verbo). No exemplo do Inglês, as formas dos pronomes deixam claro que “he” [“ele”] é o sujeito (do contrário seria “him” [“o”]) e que “me” [“me”] é o objeto (do contrário seria “I” [“eu”]). Você pode checar isso invertendo os argumentos e as formas dos pronomes mudam: “I see him” [“eu o vejo”] *versus* “he sees me” [“ele me vê”]. O verbo não te conta quem fez o que a quem; ele indica somente algumas características herdadas de um argumento: neste caso, o número e a pessoa do sujeito. O Inglês, portanto, é uma língua marcada-pelo-dependente, porque as formas dos dependentes, mais do que a forma do núcleo, te conta quem fez o que a quem.

Se considerarmos todos os países nos quais as línguas de sinais têm sido sistematicamente estudadas, ocorre que a língua falada circundante é *sempre* do tipo marcada-pelo-dependente. Isso é verdade para todas as línguas europeias, como também para línguas tão diferentes como o Turco, o Hebraico, o Árabe, o Japonês e o Chinês. Em todas estas línguas, é a marcação dos nomes dependentes (e também frequentemente a ordem dos nomes dependentes) que sinalizam as relações daqueles nomes com o verbo. Dessa forma, não é surpreendente que os linguistas, sem dúvida nenhuma, esperavam que o mesmo fosse verdade para as diversas línguas de sinais em todos esses países.

No tipo oposto de língua – línguas marcadas-pelo-núcleo – marcadores no verbo ele-mesmo indicam o papel dos argumentos nominais associados. Além disso, em função de toda a informação sobre quem fez o que a quem está evidente a partir do verbo, os nomes e os pronomes desempenham um papel muito menos importante no discurso em línguas marcadas-pelo-núcleo. As línguas marcadas-pelo-núcleo e as marcadas-pelo-dependente são encontradas em números comparáveis pelo mundo, mas a maioria das línguas marcadas-pelo-núcleo é encontrada entre as línguas nativas nas Américas e no Pacífico. Isto se dá provavelmente porque elas estão fora do radar da maioria dos linguistas de línguas de sinais.

Aqui é como nossa sentença modelo, “he sees me” [“ele me vê”], é formada na língua Mayan, Yucatec, falada na Península de Yucatán no México. Todos os indicadores gramaticais dos papéis argumentais – o que fez o que a quem – são elementos do verbo.

<i>k</i>	<i>-uy</i>	<i>-il</i>	<i>-ik</i>	<i>-en</i>
hab	-3sg.actor	-see	-incompl	-1sg.undergoer

A raiz do verbo, *-il-*, está cercada por morfemas que desempenham a mesma função dos pronomes do Inglês “he” [“ele”] e “me” [“me”]. Não há gênero ou número gramatical aqui. O verbo significa que uma terceira pessoa ator está no processo de ver uma primeira pessoa afetada. Não há nada a que chamemos “sujeito” ou “objeto”, e não há nada que chamemos de “concordância”. Os dois morfemas, *-uy* e *-en*, não tomam essas formas em virtude de alguns outros nomes e pronomes na sentença. Este verbo, como um verbo da ASL, pode ser uma sentença completa.

Na verdade, a construção da ASL correspondente é formalmente paralela a essa construção Yucatec Mayan. Consiste em uma forma manual em V horizontal, que indica o olhar e se movimenta de um *locus* estabelecido para uma terceira pessoa (no discurso ou no cenário físico) e em direção à face do sinalizador. O *locus* da terceira pessoa não precisa absolutamente ser linguisticamente indicado, apesar de podê-lo ser. É somente exigido que seja identificável no discurso ou no cenário físico. Isto é o que Liddell chama um *verbo indicador*, definido como um verbo que é “[...] capaz de ser significativamente direcionado no espaço para entidades, direções, ou lugares” (LIDDELL, 2003, p. 97). Nestes termos, o verbo da ASL é um verbo indicador que está direcionado para uma entidade que está sendo vista. Infelizmente, para além do que já disse sobre as palavras do Inglês, não há qualquer padrão de notação para tal construção em publicações na área de linguística das línguas de sinais. O que encontramos são variantes do ${}_{he}LOOK-AT_{me}$ e/ou figuras.

Para tomar a comparação com o Yucatec Mayan mais explícita, abaixo segue uma forma esquemática de notação do verbo da ASL:

LOCUS ₃	-VGAZE.HANDSHAPE-ORIENTATION	-VROTATE+MOVE-TOWARD-SELF
3SG.ACTOR	-look	-1SG.UNDERGOER

Esta tentativa de notação é claramente inadequada, mas é suficiente para mostrar que ambas ASL e Yucatec são línguas marcadas-pelo-núcleo, que utilizam verbos policomposicionais que indicam os papéis dos argumentos sem o uso de pronomes que carregam marcas gramaticais destes papéis e sem “concordar” com outros elementos da sentença.

Na verdade, em Yucatec Mayan, se se quiser fornecer o nome da pessoa que está olhando, há que se usar um marcador de tópico, e não qualquer coisa que se possa chamar “sujeito”. Da mesma forma, pode se argumentar que identificar o ator – por um nome próprio, um nome ou um ponto – serve simplesmente para colocar aquele participante na cena, e não integrar o referente a uma sentença gramatical. Como Todd (2007) apontou, tais participantes podem ser introduzidos com ou sem um marcador de tópico explícito em ASL, enquanto estiver estruturalmente separado da cláusula principal. Em meu entendimento, tal referente funciona como tópico em sentido amplo. Assim, ambas Yucatec Mayan e ASL parecem se dar bem sem os sujeitos gramaticais independentes, marcando o ator – quando necessário em termos discursivos – como uma espécie de tópico, e, do contrário, contar com estruturas marcadas-pelo-núcleo para identificar papéis argumentais. Em outra dimensão tipológica, então, as línguas sinalizadas são línguas tópico-proeminentes, e não línguas sujeito-proeminentes, tais como o Inglês e o Árabe.

Devemos ter cuidado para encontrar formas de descrever as línguas sinalizadas que torne possível compará-las significativamente com línguas orais. Este breve exemplo é somente parte de uma empreitada maior – uma empreitada que terá primeiro que prestar total atenção às dimensões gradientes e icônicas das línguas sinalizadas e terá, então, que buscar paralelos possíveis em línguas orais.

6 LEVANDO A CABO A REVOLUÇÃO

Finalmente, a fim de levar a cabo a revolução com êxito, os linguistas das línguas de sinais precisam apresentar aos linguistas gerais novas maneiras de analisar as línguas sinalizadas. Não é mais suficiente tentar encontrar maneiras em que as línguas sinalizadas sejam iguais a línguas orais. Considere, para concluir, dois breves exemplos dos conceitos linguísticos revolucionários, continuando com verbos de olhar e ver. Primeiro, Paul Dudis (2004) mostrou que o corpo do sinalizador pode ser compartimentado para indicar características tanto da pessoa que está olhando, quanto da pessoa que está sendo olhada. Dudis demonstrou um discurso reportado sinalizado que alguém estava olhando fixamente o sinalizador. O sinal de “olhar” apontava para o rosto do sinalizador, indicando que o sinalizador era o objeto do olhar. Ao mesmo tempo, a expressão facial de raiva do sinalizador assumiu o papel da pessoa que encarava. O rosto, então, se compartimentou: como um objeto, é a própria face do sinalizador, enquanto que como uma expressão, mostra o afeto de outra pessoa. Este é um exemplo de um desafio para linguistas em geral: Como é que tal fenômeno pode ser incorporado a uma teoria geral da linguagem humana? O segundo exemplo é a noção de Scott Liddell de *sub-rogar*, que vai além da simples caracterização do *locus* da terceira pessoa. O vetor da trajetória do verbo vai variar de acordo com as alturas relativas do observador e do alvo. Por exemplo, o sinal de ASL para ‘look’ [‘olhar’] é geralmente dirigido no nível dos olhos, mas se alguém está reportando que uma criança foi o objeto do olhar, o sinal vai ser dirigido para baixo, como se realmente uma criança estivesse presente no espaço da sinalização. Isto é, um referente virtual em tamanho real pode ser estabelecido como parte do discurso sinalizado. Sub-rogados são essenciais para a descrição de línguas como a ASL. Eles têm paralelos nas línguas orais?

Como psicolinguista, tenho estado bastante entusiasmado com os muitos conceitos novos que têm aparecido na literatura sobre línguas de sinais nos últimos anos. Estes novos conceitos vêm acompanhados de novos termos linguísticos: *compartimentação-corporal*, *sub-rogados*, *boias*, *morfemas-íon*, *mapeamento icônico*, *verbos indicadores*, formas manuais interativas e não-interativas, *símbolos ricamente convencionalizados* – e muitos outros. (Para a discussão corrente de tais novas noções, ver os sítios de Revistas como *Sign Language & Linguistics*, *Sign Language Studies*, e *Cognitive Linguistics*.) Outros foram tomados emprestados de novas abordagens da linguística na era pós-gerativa: mapeamento metafórico, espaços mescla, significados construcionais, trajetória e marco – e muitos outros. Os linguistas das línguas de sinais começaram a criar ferramentas com as quais conseguem chegar a um entendimento mais profundo e mais compreensivo da linguagem humana, da cognição humana, e da interação social humana. De fato, velhos paradigmas estão ruindo e novas ideias revolucionárias estão crescendo por disciplinas, línguas e países. Os modelos habituais estão sendo quebrados e novos modelos estão começando a ser formados. É hora para flexibilidade, ingenuidade e inovação.

REFERÊNCIAS

- DGS-Korpus. Disponível em: <<http://www.sign-lang.uni-hamburg.de/dgs-korpus/>>. Acesso em: 10 set. 2015.
- DUDIS, P. Body partitioning and real-space blends. *Cognitive Linguistics*, n. 15, p. 223-238, 2004.
- HOITING, N.; SLOBIN, D. I. Transcription as a tool for understanding: The Berkeley Transcription System for Sign Language Research (BTS). In: MORGAN, G.; WOLL, B. (Ed.). *Directions in Sign Language Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 55-75.
- LIDDELL, S. K. *Grammar, gesture, and meaning in American Sign Language*. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 2003.
- MEIER, R. P.; CORNIER, K.; QUINTO-POZOS, D. *Modality and Structure in Signed and Spoken Languages*. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 2002.
- MEIR, I. Syntactic-semantic interaction in Israeli Sign Language verbs. The case of backwards verbs. *Sign Language & Linguistics*, n. 1, p. 1-33, 1998.
- NICHOLS, J. Head-marking and dependent-marking grammar. *Language*, n. 62, p. 56-119, 1986.
- NICHOLS, J. *Linguistic diversity in space and time*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- PADDEN, C. *Interaction of morphology and syntax in American Sign Language*. New York: Garlandy, 1988.
- SLOBIN, D. I. Issues of linguistic typology in the Study of Sign Language development of deaf children. In: B. SCHICK, B.; MARSCARK, M.; SPENCER, P. E. *Advances in the Sign Language Development of Deaf Children*. Oxford (UK): Oxford University Press, 2005, p. 20-45.
- SLOBIN, D. I. et al. Sign Language transcription at the level of meaning components: The Berkeley Transcription Commentary/Breaking the Molds /Sign Language Studies System (BTS). *Sign Language & Linguistics*, n. 4, 2001, p. 63-96. Disponível em: <[http://ihd.berkeley.edu/SlobinSign%20Language/\(2001\)%20Berkeley%20Transcription%20System%20\(BTS\)%20-%20Manual.pdf](http://ihd.berkeley.edu/SlobinSign%20Language/(2001)%20Berkeley%20Transcription%20System%20(BTS)%20-%20Manual.pdf)>
- TAUB, S. F. *Language from the body: iconicity and metaphor in American Sign Language*. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 2001.
- TODD, P. *Cliticized 'topics' and word order in ASL*. Unpublished (ms), 2007.

Recebido em 11 / 09 / 2015.